

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## O CRISTÃO E A RESPONSABILIDADE DIANTE DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL The christian and environmental degradation

Jessica Daniela Farias Moura<sup>1</sup>  
Flaviano Nogueira Siedeliske<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo analisa o problema da degradação ambiental e demonstra como pode-se encontrar base bíblica consistente para o envolvimento do cristão com a questão ambiental, bem como elencar atitudes práticas que o Corpo de Cristo e as comunidades locais podem adotar para caminhar em direção ao desenvolvimento sustentável. Para tal, foi apresentado definições e dados sobre a realidade da degradação ambiental em todo planeta; em seguida, bases bíblicas sobre a necessidade do cuidado com a Criação e, a partir desses textos, discorrido sobre *práxis missionais* que guiam igrejas sustentáveis. Dentre os resultados obtidos nessa pesquisa, destaca-se que as igrejas precisam caminhar na direção de se tornarem cada vez mais sustentáveis, pois Deus deu o domínio da Criação ao ser humano e o incumbiu de desenvolver suas potencialidades e preservar seus recursos naturais.

**Palavras-chave:** Degradação ambiental. Mandato cultural. Criação. Desenvolvimento sustentável.

### ABSTRACT

This article intends to analyze the problem of environmental degradation and demonstrate how one can find a consistent biblical basis for Christian involvement with the environmental issue, as well as listing practical attitudes that the Body of Christ and

<sup>1</sup> Pós-Graduada em Gestão Ambiental pela Unicesumar; Licenciada em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail: Jessicadaniela.moura@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR) (Trancada); Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC). E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

local communities can adopt to move towards to sustainable development. To this end, definitions and data on the reality of environmental degradation across the planet will be presented; then, biblical bases on the need to care for Creation will be presented and, based on these texts, *missional praxis* will be discussed that will guide sustainable churches. Among the results obtained in this research, it is highlighted that churches need to walk in the direction of becoming increasingly sustainable, since God gave man the domain of Creation and entrusted him with developing his potential and preserving his natural resources.

**Keywords:** Environmental degradation. Cultural mandate. Creation. Sustainable development.

## INTRODUÇÃO

A degradação ambiental é um tema recorrente e diariamente abordado nos mais diversos canais de comunicação conhecidos pela sociedade, como, por exemplo, jornais, revistas, programas telejornalísticos, redes sociais, entre outros.<sup>3</sup> Uma vez que os assuntos envolvendo as questões ambientais permanecem sendo noticiados majoritariamente de maneira negativa, percebe-se que é necessária a conscientização da população, pois, dessa maneira, as gerações futuras possuirão garantia de sobrevivência e qualidade de vida.

É possível observar a relevante indiferença apresentada pelos cristãos e suas instituições quanto aos assuntos ecológicos. Tal falta de interesse e posicionamento são justificados, segundo Klein e Proença por razões como:

a) falta de conhecimento sobre a grande variedade e clareza de textos bíblicos que tratam direta ou indiretamente sobre ecologia e, por conseguinte, desconhecimento da teologia bíblica da salvação; b) falta de conhecimento da degradação ecológica em nível global; c) formulação de teologias equivocadas que desvalorizam o que é criação.<sup>4</sup>

Diante disso, o objetivo deste artigo será expor, tanto aos cristãos quanto às suas instituições, a responsabilidade ambiental como um dever daqueles que dizem professar a fé cristã. Assim, num primeiro momento, será abordada a necessidade de uma mudança na visão cristã de mundo e, posteriormente, serão elencadas ações práticas resultantes de tal mudança

A justificativa para a escolha do tema se dá pela maneira que a sociedade do século atual se desenvolveu, na qual inúmeros indivíduos vivem no meio urbano no qual o ritmo acelerado não permite a reflexão sobre o assunto. Além disso, tal vivência no meio urbano, devido ao alto consumo de informações, permite que o ser humano conheça diversas formas de compra e venda disponíveis digital ou presencialmente, o que gera um consumo desenfreado e desnecessário dos mais diversos departamentos conhecidos.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> KLEIN, Tânia Aparecida Silva; PROENÇA, Wander de Lara. Ação contra a mudança global do clima. In: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellinton Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 303-304.

<sup>4</sup> KLEIN; PROENÇA, 2018, p. 311.

<sup>5</sup> CUSTÓDIO, Marcos; CUNHA, Maurício. Consumo e produção responsáveis. In: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellinton Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 282.

## 1. DEGRADAÇÃO AMBIENTAL: DADOS E DEFINIÇÕES

Para melhor compreender o significado de *degradação ambiental*, pode-se recorrer, primeiramente, à Lei Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, Art 3º, Inciso II, que define tal termo como “a alteração adversa das características do meio ambiente”.<sup>6</sup> Gomes Rubira afirma, ainda, que o termo não possui sentido positivo em sua definição, mas que se refere apenas aos impactos negativos dos quais o resultado final do processo é a diminuição da capacidade produtiva de um ecossistema, tornando difícil o retorno do mesmo a um estado de utilidade econômica.<sup>7</sup>

Moraes e Jordão posicionam o ser humano como parte dominante dos sistemas, no qual tal domínio se torna negativo, uma vez que o homem<sup>8</sup> utiliza de tal poder para a geração de um desequilíbrio ambiental através do aumento de sua densidade populacional, a qual se apresenta acima da capacidade de tolerância da natureza devido ao excesso de utilização necessária para a sobrevivência humana e com isso exerce uma pressão negativa cada vez maior sobre o ambiente.<sup>9</sup> Os autores Moraes e Jordão apresentam alguns tipos de impactos exercidos pelo homem:

[...] primeiro, o consumo de recursos naturais em ritmo mais acelerado do que aquele no qual eles podem ser renovados pelo sistema ecológico; segundo, pela geração de produtos residuais em quantidades maiores do que as que podem ser integradas ao ciclo natural de nutrientes. Além desses dois impactos, o homem chega até a introduzir materiais tóxicos no sistema ecológico que tolhem e destroem as forças naturais.<sup>10</sup>

A seguir, serão citados diversos impactos da ação do homem em diferentes áreas de atuação, demonstrando como o ser humano é o principal agente causador da degradação ambiental. Inicialmente, um exemplo desse impacto exercido pelo homem é a *situação hídrica brasileira* e suas consequências nas diversas áreas da vida humana, sobretudo nas questões de saúde pública, que são afetadas por ações como: 1) sistema de água e de esgotos sanitários precários; 2) uso excessivo de defensivos agrícolas; e 3) destino inadequado de resíduos orgânicos e inorgânicos, entre outras atividades humanas inadequadas ao suporte natural disponível à sobrevivência humana e ecológica.<sup>11</sup> Conforme a plataforma do projeto Mapbiomas, a retração da superfície coberta com água no Brasil caiu de quase 20 milhões de hectares para 16,6 milhões de hectares desde o início dos anos 90 até o ano de 2020, sendo

<sup>6</sup> BRASIL. **Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.

<sup>7</sup> GOMES RUBIRA, Felipe. “Definição e diferenciação dos conceitos de áreas verdes/espços livres e degradação ambiental/impacto ambiental”. **Caderno de Geografia**, v.26, n.45, p.134-150. Belo Horizonte, 2016. p. 141.

<sup>8</sup> A expressão ‘homem’ aqui, será utilizada no sentido de ser humano e não no sentido de gênero. Quando indicar gênero haverá a informação em nota.

<sup>9</sup> MORAES, Danielle S. de L.; JORDÃO, Berenice Q. J. Degradação de recursos hídricos e seus efeitos sobre a saúde humana. **Revista Saúde Pública**. v.36, n.3, p.370-374. São Paulo, 2002, p. 371.

<sup>10</sup> MORAES; JORDÃO, 2002, p. 371.

<sup>11</sup> MORAES; JORDÃO, 2002, p. 371.

assim, “a perda de 3,1 milhões de hectares em 30 anos equivale a uma vez e meia a superfície de água de toda região nordeste em 2020”.<sup>12</sup>

Pode-se citar, também, as *questões climáticas*, sobre as quais, segundo Klein e Proença, as ações humanas geram o aquecimento global, que afeta “os padrões de evaporação e precipitação, causando violentas chuvas ou secas mais longas e intensas, especialmente nas regiões tropicais e subtropicais”.<sup>13</sup> Exemplo citado por, Klein e Proença é a utilização de energia fóssil, base da economia, que gera o aumento da temperatura global por apresentar “uma produção agrícola não sustentável e o mal uso da terra e desmatamento”.<sup>14</sup>

Além disso, Pais, Silva e Ferreira, comentam sobre a modernização da agricultura, que ocasiona a degradação ambiental através do desmatamento e do uso de produtos tóxicos e de maquinários que compactam o solo, destacando, ainda, como responsáveis pela degradação as *práticas ofensivas ao solo*, das quais citam os descuidos referentes aos resíduos gerados com a atividade agropecuária.<sup>15</sup>

O *desmatamento* é outro exemplo de degradação ambiental. Segundo dados do Projeto MapBiomias, apenas no ano de 2020 o Brasil apresentou 1.428.485 ha de área desmatada.<sup>16</sup> Outros dados relevantes, relacionados a desmatamentos e queimadas, são os levantados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que apresentam registros, levantados no período entre os anos de 2021 e 2022, de 192.453 focos de incêndio no Brasil, sendo 18,4% apenas no Estado do Pará.<sup>17</sup>

Através de imagens de satélite e inteligência artificial, é possível avaliar a evolução do *garimpo* e da *mineração industrial* no território brasileiro. Com tais tecnologias, a análise mais recente feita pelo MapBiomias, entre 1985 e 2020, apresenta que a área minerada no Brasil teve um aumento de seis vezes, ou seja, o salto foi de 31 mil hectares em 1985 para um total de 206 mil hectares e ressalta ainda que “boa parte desse crescimento se deu mediante a expansão na floresta amazônica”.<sup>18</sup>

Diante de tais afirmações, pode-se analisar que o homem é o principal causador da degradação ocorrida no território brasileiro e mundial, o qual afeta diretamente as condições de sobrevivência das espécies, inclusive da espécie humana. Gomes Rubira afirma que a degradação ambiental é causada pelo homem, por, na maioria das vezes, não respeitar os limites suportados pela natureza, colocando em risco de extinção espécies vegetais e animais e causando poluição de diversos aspectos que geram riscos à saúde do próprio homem.<sup>19</sup> Infelizmente, como pontuam Schoenlein-Crusius e Almeida, há uma estimativa de que, “se a

<sup>12</sup> PROJETO MAPBIOMIAS. **Mapeamento anual da cobertura e uso da terra no Brasil (1985 - 2020)**. Destaques Cerrado. Setembro de 2021.

<sup>13</sup> KLEIN; PROENÇA, 2018, p. 306.

<sup>14</sup> KLEIN; PROENÇA, 2018, p. 309.

<sup>15</sup> PAIS, Paloma S. M.; SILVA, Felipe de F.; FERREIRA, Douglas M. Degradação ambiental no Estado da Bahia: uma aplicação da análise multivariada. **Geonordeste**. n.1, p.1-21. Viçosa, 2012, p. 4.

<sup>16</sup> PROJETO MAPBIOMIAS.

<sup>17</sup> INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2020. **Portal do Monitoramento de Queimadas e Incêndios Florestais**.

<sup>18</sup> PROJETO MAPBIOMIAS.

<sup>19</sup> GUERRA; GUERRA, 1997, p. 184 apud GOMES RUBIRA, 2016, p.141

situação ambiental permanecer como está, até 2050 haverá a perda de 38 a 46% da biodiversidade, o que caracteriza uma extinção em massa”.<sup>20</sup> Além de dados gerais da situação do país é importante considerar o que a Bíblia expõe sobre a responsabilidade cristã com relação ao aspecto ambiental. Este será o destaque do ponto que segue.

## 2. A BASE BÍBLICA PARA A RESPONSABILIDADE CRISTÃ E A QUESTÃO DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

Pode-se inferir que um dos motivos da aparente falta de interesse dos cristãos e igrejas locais nas questões ambientais é o equívoco dos mesmos em sua visão cristã de mundo. Como comentam Klein e Proença,

No período mais contemporâneo, destaca-se a visão teológica gnóstica-cristã [...]. Nesse modelo, volta-se o olhar para o que se considera espiritual ou celeste, com acentuado desprezo ao que se entende como material ou cósmico. Assim, desenvolve-se uma escatologia que celebra as catástrofes ambientais como sinais apocalípticos que anunciam a proximidade de um novo advento de Jesus. Em um fatalismo teológico, acredita-se que a Terra já está destinada ao caos, desestimulando-se com isso qualquer ação ou intervenção de cuidado ambiental.<sup>21</sup>

Enquanto muitos assumem uma visão dualista e encaram que o cristão deve se preocupar apenas com o espiritual e rejeitar qualquer preocupação com o que seria material, para Cunha, o “homem como mordomo regente da criação” é um elemento essencial da cosmovisão cristã, e esse entendimento “estabelece as bases para uma ética cristã no manejo ambiental”<sup>22</sup>:

Para a visão cristã de mundo, a maneira como o homem administra os recursos naturais está submetido ao senhorio e à soberania de Deus, e em obediência aos seus princípios. Desse modo, toda ação humana no meio ambiente deve ter um componente moral e teocêntrico, ou seja, há limites éticos para essa ação, à luz do bem comum para as futuras gerações.<sup>23</sup>

Assim, uma visão cristã de mundo, ou uma cosmovisão cristã saudável, deveria impor limites para a ação humana no meio ambiente, restringindo as ações de mercado e de interesse puramente financeiros e levando o cristão a uma busca pelo bem comum e pela celebração da criação como obra de Deus,<sup>24</sup> o que, conseqüentemente, levaria os cristãos e as comunidades locais a desenvolver um interesse maior pelas questões ambientais.

Mas, afinal, quais são as bases bíblicas para o desenvolvimento de tal visão de mundo? Para iniciar uma discussão sobre a temática, pode-se analisar três diferentes textos que dão

<sup>20</sup> SCHOENLEIN-CRUSIUS, Iracema Helena; ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. Vida terrestre. In: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellinton Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 350.

<sup>21</sup> KLEIN; PROENÇA, 2018, p. 313.

<sup>22</sup> CUNHA, Maurício. **O Reino de Deus e a transformação social**: fundamentos, princípios e ferramentas. Viçosa: Ultimato, 2018, p. 54, 61.

<sup>23</sup> CUNHA, 2018, p. 61.

<sup>24</sup> CUNHA, 2018, p. 61.

base para os entendimentos sobre a responsabilidade ambiental cristã e o problema da degradação ambiental. Estes seguem abaixo

### 2.1 Gênesis 1.26-28: o mandato cultural

O primeiro texto a ser analisado é o da criação do ser humano, em Gênesis 1.26-28, em que está escrito o seguinte:

E Deus disse: — Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. *Tenha ele domínio* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra. Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: — Sejam fecundos, multipliquem-se, *encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. (grifo nosso)<sup>25</sup>

Como explicado por Anthony Hoekema, quando Deus cria o ser humano, o coloca numa tríplice relação: 1) Homem e Deus; 2) Homem e semelhante; e 3) Homem e criação. A aliança do homem com a criação, relação que mais importa neste artigo, é referida nos conceitos de *dominar* e *sujeitar*, que indicam o senhorio do ser humano sobre a natureza, conhecido, na teologia, como o *mandato cultural*.<sup>26</sup>

Todavia, desde o princípio, o conceito de *domínio*, apesar de remeter a este senhorio, não remete à exploração da natureza, pois Deus legitimou o uso dos recursos naturais pelos seres humanos, mas não autorizou nenhuma espécie de abuso por parte dos mesmos.<sup>27</sup> Como explicam os autores Custódio e Cunha, os recursos naturais que Deus disponibilizou ao homem devem ser administrados e utilizados de maneira justa e responsável, pois, no ato da Criação, Ele proporcionou condições para que sejam suficientes para todos; logo, “não cabe ao cristão ostentar ou desperdiçar recursos, mas viver uma vida diligente e simples”.<sup>28</sup>

Assim, segundo o *mandato cultural*, o homem é descrito como um *vice-regente* ou *representante* de Deus na terra, possuindo a tarefa de desenvolver, de maneira sustentável, as potencialidades da criação, seja na agricultura, horticultura, criação de animais, arte, tecnologia, entre outros.<sup>29</sup>

### 2.2 Gênesis 2.15,19-20: a administração do jardim

O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o *cultivar* e o *guardar*. [...] Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os a Adão, para ver que nome lhes daria; e o nome que ele desse a todos os seres vivos, esse seria o

<sup>25</sup> Todos os textos bíblicos citados seguirão a tradução Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo quando indicado o contrário.

<sup>26</sup> HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 91.

<sup>27</sup> WENHAM, G. J. Gênesis. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 102.

<sup>28</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 293.

<sup>29</sup> HOEKEMA, 2018, p. 94-95.

nome deles. *O homem deu nome a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selvagens; mas para o homem não se achava uma auxiliadora que fosse semelhante a ele (Gn 2.15, 19-20; grifo nosso).*

O segundo texto objeto de análise revela como Deus deu ao homem o trabalho de administrar o jardim, pois ele deveria *cultivar, guardar e dar nome* aos animais. Para Cunha e Wood, esse texto remete ao fato de Deus estar convidando o homem para iniciar a função de administrar e desenvolver a natureza, assim, “o homem foi criado para cuidar do jardim e o jardim foi criado para responder às necessidades do homem”.<sup>30</sup>

Além disso, Derek Kidner defende que dar nome aos animais é uma ação que demonstra a soberania do homem sobre aquilo que ele via;<sup>31</sup> todavia, Wenham alerta que, apesar dos animais estarem debaixo da autoridade humana, o texto não indica que os mesmos deveriam ser explorados.<sup>32</sup> Outros textos que podem auxiliar no conceito da soberania e administração do homem sobre a criação são:

Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroa. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, os peixes do mar e tudo o que percorre as veredas dos mares (Sl 8.5-8).

Os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele deu aos filhos dos homens (Sl 115.16).

O homem, então, foi criado para dominar sobre a natureza como representante de Deus na terra, incumbido da missão de desenvolver suas potencialidades sem explorá-la ou destruí-la. Todavia, não é isso que se observa, hoje em dia, da relação do homem com a criação. Como comenta Anthony Hoekema, o homem não obedece a Deus no que diz respeito ao domínio sobre a natureza, mas a utiliza descaradamente para seus propósitos egoístas:

Explora os recursos naturais sem preocupar-se com o futuro: derruba florestas sem reflorestamento, planta sem o rodízio de culturas, deixa de tomar medidas para evitar a erosão do solo. Suas fábricas poluem rios e lagos, suas chaminés poluem o ar – e ninguém parece se preocupar.<sup>33</sup>

O que ocorreu na história humana que fez o homem se distanciar tanto de seu propósito para com a criação? A resposta é uma só: o evento da Queda. Este é o destaque do subponto que segue.

### 2.3 Gênesis 3.17-19: espinhos e ervas daninhas

No terceiro capítulo do Livro de Gênesis, pode ser encontrado o relato da *Queda* da humanidade: Adão e Eva em desobediência a Deus, comem do fruto da *Árvore do conhecimento do bem e do mal*. Esse pecado do primeiro casal tem sérias consequências para

<sup>30</sup> CUNHA, Maurício; WOOD, Beth A. **O reino entre nós: a transformação de comunidades pelo evangelho integral**. 3.ed. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 29.

<sup>31</sup> KIDNER, Derek. **Gênesis: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 61.

<sup>32</sup> WENHAM, 2009, p. 104.

<sup>33</sup> HOEKEMA, 2018, p. 101.

a humanidade: 1) quebra da aliança com Deus - v. 8, 10; 2) quebra da aliança com o próximo - v. 12; 3) dores no parto e desequilíbrio nas relações - v. 16; 4) cansaço e dificuldade no trabalho - v. 19; 5) morte - v. 22; e 6) expulsão do jardim - v. 23-24.

Não obstante, contrariando a visão teológica gnóstica-cristã, mencionada anteriormente, é importante destacar que a Queda não teve apenas consequências espirituais, mas ela teve *abrangência cósmica*: toda a criação foi afetada pelo pecado:

E a Adão disse: — Por ter dado ouvidos à voz de sua mulher e comido da árvore que eu havia ordenado que não comesse, *maldita é a terra por sua causa*; em fadigas você obterá dela o sustento durante os dias de sua vida. *Ela produzirá também espinhos e ervas daninhas*, e você comerá a erva do campo (Gn 3.17-19; grifo nosso).

Desde os espinhos e ervas daninhas do solo, até as enchentes, terremotos, germes, viroses e doenças são fruto do pecado (Rm 8.18-22).<sup>34</sup> Esta quebra de aliança com a criação é muito bem trabalhada na literatura de Herman Melville, que, em seu clássico *Moby Dick*, retrata o ódio do Capitão Ahab pela grande baleia branca, que pode ser interpretado como uma metáfora da indisposição do homem com a criação de Deus:

Tudo o que mais enlouquece e atormenta; tudo o que alvoroça a quietude das coisas; toda a verdade com certa malícia; tudo o que destrói o vigor e endurece o cérebro; tudo o que há de sutilmente demoníaco na vida e no pensamento; em suma, toda a maldade, para Ahab, se tornava visível, personificada e passível de ser enfrentada em *Moby Dick*.<sup>35</sup>

Assim, ao quebrar a aliança com a criação e afastar-se do propósito de Deus para seu domínio sobre ela, o homem torna-se inapto para governar sobre a natureza, uma vez que ele mesmo está desgovernado e isso é demonstrado pelos tristes recortes humanos de exploração de seus recursos naturais.<sup>36</sup>

Logo, conclui-se essa seção defendendo o seguinte: ao mesmo tempo em que o homem foi criado para governar sobre a criação e administrá-la como representante de Deus, o evento da Queda teve proporções cósmicas e a própria natureza sofre com as consequências causadas por ela. E é graças a esse entendimento que os primeiros capítulos do livro de Gênesis evidenciam proporcionam que os cristãos e as igrejas devem se preocupar com as questões ambientais e os problemas de degradação ambiental, adotando ações práticas que reflitam, minimamente, o cuidado que Deus espera que seu povo tenha com sua criação, assunto descrito no próximo tópico.

<sup>34</sup> É interessante notar que, na *Epopéia de Gilgamesh*, “o lugar paradisíaco é descrito como um lugar em que as plantas e as árvores produzem gemas e pedras preciosas em vez de espinhos e ervas daninhas” (WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALLAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 38).

<sup>35</sup> MELVILLE, Herman. **Moby Dick, ou A baleia**. São Paulo: 34, 2019, p. 198.

<sup>36</sup> KIDNER, 1979, p. 49. Tanto para Kidner (p. 67) quanto para Warren Wiersbe (WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: volume I, Pentateuco. Santo André: Geográfica, 2006, p. 19), Jesus é a figura que representa a ideia de domínio que o homem deveria exercer sobre a natureza (Mt 17.24-27; 26.69-75; Mc 1.13; 11.2-7; Lc 5.1-7; Jo 21.1-6).

### 3. PRÁXIS MISSIONAIS DE UMA IGREJA SUSTENTÁVEL

Diante da realidade da degradação ambiental que a criação vem sofrendo e das bases bíblicas apresentadas, defende-se que as comunidades cristãs precisam se tornar *igrejas sustentáveis*; ou seja, igrejas que busquem o desenvolvimento sustentável dos recursos naturais que Deus disponibilizou ao homem.<sup>37</sup>

Ambientalmente falando, uma vez que a degradação ambiental tem-se tornado um problema de saúde pública, o desenvolvimento sustentável deixou de ser uma bandeira defendida apenas por ambientalistas fervorosos, mas se tornou uma necessidade de toda sociedade.<sup>38</sup> Já analisando do viés bíblico e teológico, Custódio e Cunha encontram em José, administrador do Egito, um exemplo de gestão sustentável e uso eficiente de recursos (Gn 41.33-36; 47-49; 53-54);<sup>39</sup> além disso, os autores também defendem o desenvolvimento sustentável com base no conceito bíblico de *Shalom*, que, segundo eles, seria o “completo bem-estar *bio-psico-socio-espiritual*, a partir de uma ideia de ‘saúde total’, [...] que diz respeito a uma abordagem holística, abrangente e integrada da realidade”.<sup>40</sup>

Dessa maneira, tendo em vista que a diversidade biológica e os serviços ecossistêmicos são essenciais para a vida humana e majoritariamente insubstituíveis, e que, conseqüentemente, são necessárias ações que abordem corretamente essas características;<sup>41</sup> serão elencadas algumas atitudes a serem tomadas tanto por comunidades locais quanto por cristãos individuais que poderão propiciar a criação de igrejas sustentáveis e engajadas com o desenvolvimento correto das potencialidades da criação.

#### 3.1 Mudança de visão

Inicialmente, faz-se necessário rever a maneira como os cristãos e as igrejas enxergam as questões ambientais do nosso planeta. Como já mencionado, deve-se abandonar a visão “gnóstico-cristã” e dualista do mundo, que denomina o espiritual como mais importante e o material como irrelevante. Ao invés disso, a igreja deve encarar que o *sagrado* “diz respeito a todas as dimensões da vida, trazendo uma visão completamente diferenciada da relação do ser humano com o mundo criado”.<sup>42</sup>

Quando se muda a visão de mundo, o cristão entende que o homem não é apenas um consumidor de recursos naturais, muito menos uma vítima adoradora da natureza, mas o mordomo regente da Criação.<sup>43</sup> Enxergando o mundo dessa maneira, pode-se realizar o que Hoekema propõe:

<sup>37</sup> Entende-se *desenvolvimento sustentável* como o desenvolvimento “que não esgota os recursos para o futuro, e demanda um esforço conjunto para a construção de um futuro inclusivo, resiliente e sustentável para todas as pessoas e todo o planeta” (CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 288).

<sup>38</sup> MORAES; JORDÃO, 2002, p. 374.

<sup>39</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 289.

<sup>40</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 292.

<sup>41</sup> ANDRADE, Daniel C.; ROMEIRO, Ademar R. “Degradação Ambiental e Teoria Econômica: Algumas Reflexões sobre uma “Economia dos Ecossistemas””. *Revista Economia*. v.12, n.1, p.3–26. Brasília, 2011, p. 5.

<sup>42</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 291.

<sup>43</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 291.

Devemos preservar os recursos naturais e fazer o melhor uso possível deles. Devemos evitar a erosão do solo, a destruição temerária das florestas, o uso irresponsável da energia, a poluição dos rios e dos lagos e a poluição do ar que respiramos. Devemos ser mordomos da terra e de tudo o que há nela e promover tudo o que venha a preservar a sua utilidade e beleza para a glória de Deus.<sup>44</sup>

### **3.2 Mudança de hábitos**

Como consequência da mudança de visão, o cristão precisa mudar também seus hábitos com relação ao meio ambiente. Ele deve agir de forma sustentável cotidianamente para não esquecer o chamado de Deus para cuidar da natureza e para demonstrar que sua fé se importa com a criação amada e cuidada por Deus.<sup>45</sup>

Custódio e Cunha enumeram alguns hábitos que os cristãos podem adotar no dia a dia para colaborar com o desenvolvimento sustentável do planeta:<sup>46</sup> 1) fechar a torneira ao escovar os dentes; 2) não utilizar o esguicho para limpar a calçada; 3) eliminar vazamentos; 4) recusar embalagens desnecessárias; 5) levar baterias usadas aos postos de coleta; 6) não desperdiçar alimento; 7) separar corretamente o lixo para a reciclagem; 8) reciclar materiais; 9) comprar somente o necessário; 10) comprar produtos ambientalmente corretos; e 11) exercer a cidadania e cobrar providências dos governantes.

Klein e Proença também listam algumas dessas atitudes:<sup>47</sup> 1) desenvolver uma espiritualidade que contemple a criação; 2) desenvolver uma educação cristã que promova o meio ambiente; e 3) desenvolver alianças estratégicas para o cuidado com o meio ambiente.

### **3.3 Promover conhecimento**

Infelizmente, como denunciam Klein e Proença, questões ambientais e de cuidado com a criação são temas praticamente ausentes em todos os materiais produzidos para o ensino da igreja, desde confissões de fé e estudos bíblicos até sermões e pregações.<sup>48</sup> Algumas opções para que as igrejas possam tornar-se multiplicadoras de conhecimento nessa área são: 1) promover cursos e palestras sobre o tema; 2) utilizar as redes sociais para tratar do assunto; e 3) promover momentos específicos de debate e discussão teológica sobre o meio ambiente.

### **3.4 Mobilizar a comunidade**

As igrejas locais que possuem, pelo menos, um pouco de influência nas comunidades em que estão inseridas e, portanto, podem mobilizar essas mesmas comunidades para a

---

<sup>44</sup> HOEKEMA, 2018, p. 96.

<sup>45</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 295-296.

<sup>46</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 297-300.

<sup>47</sup> KLEIN; PROENÇA, 2018, p. 318-321.

<sup>48</sup> KLEIN; PROENÇA, 2018, p. 317.

mudança de hábitos, ações pontuais e, quando necessário, pressionar as autoridades políticas e governamentais para a resolução de problemas ambientais.<sup>49</sup>

Existem diversas organizações sérias que buscam o bem-estar da população realizando ações ecológicas e de desenvolvimento sustentável. As comunidades locais podem entrar em parceria com tais organizações oferecendo seu espaço para cursos e palestras ou ajudando com mão de obra voluntária. Infelizmente, como pontua Barro, muitos líderes cristãos apresentam resistência para realizar tais parcerias; dentre os motivos dessa resistência estão: 1) não possuir o controle total sobre a ação e 2) não ser algo iniciado pela igreja local.<sup>50</sup>

Diante destes destaques, observa-se que os cristãos precisam manter em mente a promessa de Isaías 65.17: "Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas". Deve-se entender, à luz da Bíblia, que a Criação não será destruída no fim dos tempos, mas restaurada, logo, "como cristãos hoje podemos e devemos viver a esperança e a expectativa desse Deus que cria novos céus e nova terra".<sup>51</sup>

Assim, diante dessa expectativa escatológica, o cristão não pode virar as costas para a Criação de Deus como algo ruim ou que será destruída no fim de tudo; antes, deve agir como o mordomo que cuida do jardim da melhor forma que pode, mesmo com os espinhos e ervas daninhas, enquanto aguarda o retorno de seu Senhor, que restaurará todas as coisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados obtidos neste trabalho, destacam-se: 1) o levantamento de dados quanto à realidade da degradação ambiental em questões como a crise hídrica, o clima, as práticas ofensivas ao solo, o desmatamento e a mineração; 2) a apresentação de bases bíblicas sólidas para a construção de uma visão cristã de mundo que aponte para o cuidado com a Criação; e 3) a listagem de diversas ações práticas que podem ser adotadas por cristãos e comunidades de fé em direção ao desenvolvimento sustentável das potencialidades da Criação.

Observou-se que a realidade do prejuízo que as ações humanas causam à Criação e a realidade ambiental brasileira torna-se visível através de dados coletados de plataformas como do Projeto MapBiomias e do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Tais plataformas, através de tecnologias e pesquisadores especializados, disponibilizam esses dados, a fim de que as autoridades e a população possam realizar ações a fim de neutralizar tais desequilíbrios. Infelizmente, se a humanidade não adquirir consciência ambiental e adotar medidas preventivas e corretivas, a sobrevivência da fauna e da flora estará comprometida e, como consequência, a própria vida humana se tornará conjuntamente sensível por falta de recursos essenciais à sobrevivência.

---

<sup>49</sup> BARRO, Jorge Henrique. Cidades e comunidades sustentáveis. *In*: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellington Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo: igreja & ODS**. Londrina: Descoberta, 2018, p. 277.

<sup>50</sup> BARRO, 2018, p. 278.

<sup>51</sup> BARRO, 2018, p. 273.

Como afirma John Stott, Deus deu o domínio da Terra à humanidade, e tal domínio serve para que haja, através do homem, a expressão do cuidado do Criador no sustento da Criação; sendo assim, deve-se usufruir da criação com a finalidade de “prestar contas a Deus e servir aos outros”, pois “seria ridículo supor que Deus teria, primeiro, criado a terra para, então, entregá-la a nós, que a destruiríamos”.<sup>52</sup>

Conclui-se, então, que, como afirmam Custódio e Cunha, “seja como multiplicadores de conhecimento e ações de sensibilização nas comunidades onde estão inseridas, ou como centro de ações para um consumo sustentável”,<sup>53</sup> os cristãos e as instituições cristãs possuem o papel de ser “sal e luz” no que diz respeito ao cuidado da Criação e ao consumo responsável, pois “os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele deu aos filhos dos homens” (Sl 115.16).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel C.; ROMEIRO, Ademar R. “Degradação Ambiental e Teoria Econômica: Algumas Reflexões sobre uma ‘Economia dos Ecossistemas’”. **Revista EconomiA**. v.12, n.1, p.3–26. Brasília/DF, 2011.

BARRO, Jorge Henrique. Cidades e comunidades sustentáveis. *In*: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellington Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 251-278.

BRASIL. **Lei 6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.

CUNHA, Maurício. **O Reino de Deus e a transformação social**: fundamentos, princípios e ferramentas. Viçosa: Ultimato, 2018.

CUNHA, Maurício; WOOD, Beth A. **O reino entre nós**: a transformação de comunidades pelo evangelho integral. 3.ed. Viçosa: Ultimato, 2019.

CUSTÓDIO, Marcos; CUNHA, Maurício. Consumo e produção responsáveis. *In*: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellington Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 279-300.

GOMES RUBIRA, Felipe. “Definição e diferenciação dos conceitos de áreas verdes/espços livres e degradação ambiental/impacto ambiental”. **Caderno de Geografia**, v.26, n.45, p.134-150. Belo Horizonte/MG, 2016.

HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2020. **Portal do Monitoramento de Queimadas e Incêndios Florestais**. Disponível em <http://www.inpe.br/queimadas>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

<sup>52</sup> STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se biblicamente diante dos desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 178.

<sup>53</sup> CUSTÓDIO; CUNHA, 2018, p. 295.

KIDNER, Derek. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1979.

KLEIN, Tânia Aparecida Silva; PROENÇA, Wander de Lara. Ação contra a mudança global do clima. *In*: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellington Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 301-322.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick, ou A baleia**. São Paulo: 34, 2019.

MORAES, Danielle S. de L.; JORDÃO, Berenice Q. J. Degradação de recursos hídricos e seus efeitos sobre a saúde humana. **Revista Saúde Pública**. v.36, n.3, p.370-374. São Paulo, 2002.

PAIS, Paloma S. M.; SILVA, Felipe de F.; FERREIRA, Douglas M. Degradação ambiental no Estado da Bahia: uma aplicação da análise multivariada. **Geonordeste**. n.1, p.1-21. Viçosa, 2012.

PROJETO MAPBIOMAS. **Mapeamento anual da cobertura e uso da terra no Brasil (1985 - 2020)**. Destaques Cerrado. Setembro de 2021.

SCHOENLEIN-CRUSIUS, Iracema Helena; ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. Vida terrestre. *In*: BARRO, Jorge Henrique; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani; SILVA, Wellington Pereira (orgs.). **Porque Deus amou o mundo**: igreja & ODS. Londrina: Descoberta, 2018, p. 344-359.

STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se biblicamente diante dos desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALLAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WENHAM, G. J. Gênesis. *In*: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 92-149.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: volume I, Pentateuco. Santo André: Geográfica, 2006.